

# MEMÓRIA, IDENTIDADE E LINGUAGEM: IMPRESSÕES A PARTIR DO PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

*Emanuelle Carine da Silva Souza<sup>1</sup>  
Candida Soares da Costa<sup>2</sup>*

## RESUMO

O presente trabalho é o relato reflexivo da experiência de uma graduanda em Psicologia, decorrente de sua participação como bolsista de extensão no projeto *Preservação de Memória Quilombola*<sup>3</sup>. O projeto teve por objetivo promover registro e difusão de memória quilombola do Estado de Mato Grosso, articulando extensão, ensino e pesquisa. Envolveu participação de membros de comunidades quilombolas bem como de estudantes dos cursos de Pedagogia, Psicologia e Filosofia. A transcrição de entrevistas se configurou importante atividade desenvolvida pelo grupo de estudantes bolsistas, especialmente porque o transcrever também se constituiu um processo de aprendizagem, subsidiado por aprofundamento teórico sobre relações raciais na sociedade brasileira e sobre memória. Bolsistas do projeto puderam perceber que as falas gravadas traziam elementos de uma memória que ultrapassavam as simples lembranças; eram, também, histórias que traziam para o tempo presente

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e bolsista do projeto de extensão “Preservação da Memória Quilombola”, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Raciais e Educação (NEPRE). E-mail: emanuellecarnes@gmail.com

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Vice-coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE) e coordenadora e orientadora do projeto de extensão “Preservação da Memória Quilombola”. Orienta no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT. E-mail: candidasoarescosta@gmail.com

<sup>3</sup> Edital N° 006/2014 – Programa de Bolsas Extensão para Ações Afirmativas – PBEXTAF/2014-UFMT.

alegrias e sofrimentos da luta do povo quilombola, ao mesmo tempo em que sinalizavam perspectivas de futuro. O presente relato demonstra que por meio do acesso a entrevistas podem-se construir aprendizagens significativas no processo de formação acadêmica e de cidadania. Evidencia-se com isso a importância do reconhecimento da extensão como imprescindível elemento constitutivo do tripé que ancora o ensino universitário.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Extensão. Memória. Pesquisa. Transcrição.

### **ABSTRACT**

This work is a reflective report carried out by an undergraduate student of Psychology, deriving from her participation as a student of scientific initiation in the *Quilombola's Memory Preservation Project*. The project aimed to promote the registration and dissemination of the Quilombolas' memory in the state of Mato Grosso. It comprised three segments of the university: research, teaching and extension. The project involved the participation of the quilombolas' communities' members, as well as, students of Pedagogy, Psychology and Philosophy were also involved. The phase of the transcription of the interviews was constituted an important activity developed by the group of the scholarship students, mainly, because the act of the transcription also comprises a learning process, supported by theoretical studies concerning race relations in Brazilian society and on memory. The students who transcribed the interviews, might notice that the voices of the recorded speech brought elements of a memory that have gone beyond the simple memories; these elements materialized stories that were brought to the present time, many of these, concerning joys and sufferings of the quilombolas' people struggle, at the same time, these stories signaled their future perspectives. The study revealed the existence of a knowledge process derived from the students' access to the interviews, in which, it might be constructed meaningful learning, not only in their process of academic education, but also, in their citizenship development. It is important to recognize the relevance of the extension as an essential constituent element of the tripod that anchors the university.

**Keywords:** Extension. Learning. Memory. Research. Transcription.

### **Introdução**

Um projeto não é apenas um projeto. Começar este artigo com essa frase pode ser um pouco impactante, mas de certa forma, foi isso que vivenciamos participando do *Projeto Preservação de Memória Quilombola*.

Um projeto é apenas um projeto quando olhamos de maneira “crua” e burocrática. E olhar dessa maneira é apenas enxergar prazos de começo e término, atividades a fazer e horas a cumprir. Mas, este artigo tomará um rumo diferente, visando agora refletir sobre a essencialidade de um projeto de extensão para a construção do futuro profissional já em sua vida acadêmica para além do ensino ofertado pelas universidades em sala de aula.

No projeto de extensão, tínhamos como compromisso participar das atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE), das reuniões de organização de eventos, da avaliação de percurso do projeto, desenvolver leitura de textos e discussões sobre o tema (memória quilombola), fazer transcrição de entrevistas de moradores quilombolas sobre a história dos Quilombos e de professores quilombolas sobre suas memórias, bem como apresentar produtos esperados em decorrência da realização das atividades.

Todas essas atividades durante o projeto contribuíram para a formação acadêmica. Neste artigo, entretanto, optamos por destacar a transcrição de entrevistas, que, embora aparentemente seja vista como uma atividade cansativa, no projeto *Preservação de Memória Quilombola*, em especial, nos atravessou de uma maneira muito particular em nossa construção de conhecimento.

É interessante pensarmos que esse atravessamento foi possível dentro de um projeto de extensão, articulando estudos, discussões e uma atividade prática: a transcrição de entrevistas, alcançando o que se tem visto como anseio, isto é, a articulação entre teoria e prática em sala de aula. Com isso, foi possível entender em que a prática extensionista posiciona-se no processo de construção de conhecimento acadêmico: uma maneira bem peculiar, articulada às questões da sociedade.

É possível perceber que as universidades públicas brasileiras estão aprofundando e investindo no chamado tripé ensino-pesquisa-extensão de maneira a enriquecer a experiência acadêmica dentro desse universo de ensino. Como consequência, a sociedade vai ganhando espaço em reflexões de novas práticas profissionais, pois as “[...] universidades brasileiras

possuem a vocação de se engajarem socialmente, problematizando e equacionando a própria sociedade” (MACIEL, 2010, p. 19).

Podemos pensar que a extensão é um importante instrumento a ser utilizado pelas comunidades como um espaço de apoio qualificado para se falar de seus desafios e problemas críticos e emergenciais.

Além disso, a extensão universitária resulta na formação de vínculos entre os estudantes e as comunidades nas quais atuam. A imersão social de estudantes da graduação viabilizada pela extensão universitária aumenta a probabilidade de permanência, após a formatura, de profissionais (médicos, professores, agrônomos, enfermeiros, engenheiros, etc.) nos municípios onde se desenvolveram as ações de extensão (MACIEL, 2010, p. 19).

Maciel (2010) considera, ainda, que a atividade extensionista não é assistencialista, mas um elemento gerador de conhecimento que é construído pela articulação com o tripé (pesquisa-ensino-extensão) e outras instâncias importantes como o Estado, com as comunidades e com a sociedade de maneira geral. E ainda afirma que essas articulações só contribuem significativamente para um currículo acadêmico integralizado, formador e crítico:

O reconhecimento da atuação dos alunos em projetos e programas de extensão na integralização curricular, bem como o fomento à criação de componentes curriculares em ações de extensão integradas aos currículos das formações em nível de graduação são medidas importantes que incentivam uma universidade mais engajada socialmente e mais moderna pedagogicamente (MACIEL, 2010, p. 21-22).

Pensar esses processos e suas implicações na vida acadêmica somente foi possível a partir da participação nesse projeto de extensão com as comunidades quilombolas. Com base nas falas dos participantes da pesquisa, nos foi possibilitado refletir sobre as lutas de um importante segmento da população brasileira que sofre historicamente com discriminações e estigmas. Resgatar suas memórias e preservá-las

é disponibilizar elementos para pensar a sociedade mato-grossense e brasileira, movimentando-se para compreender o passado e construir o futuro com a transformação de ações e realidades do presente.

O projeto *Preservação de Memória Quilombola* integra o projeto Museu Afrodigital de Mato Grosso, que tem por objetivo registrar e promover a difusão de informação sobre a história e a memória da população quilombola do Estado de Mato Grosso, estimulando a rememoração e a comemoração da memória social desses grupos.

Ao longo deste artigo, registramos impressões quanto ao desenvolvimento de atividades de transcrição de entrevistas como importante forma de aprendizagem, bem como nossa compreensão quanto à participação em extensão como ampliação e enriquecimento do processo formativo na graduação, no caso aqui relatado, na formação em Psicologia, o que possibilitou a elaboração reflexiva deste relato, articulando memória, identidade e linguagem.

## **Memória**

A memória pode ser vista de várias maneiras. Biologicamente, a memória é um processo de armazenamento de informações e lembranças que usa partes do cérebro, como a amígdala e o hipocampo, e neurotransmissores, como a dopamina e a noradrenalina. Porém, a memória a ser ressaltada aqui é aquela construída através da história de um povo, não sendo avulsa dos elementos contextuais nos quais ela está inserida.

Lovisoló (1989) diz que a memória histórica ou coletiva traz em si uma riqueza para a participação de uma comunidade e que nela podem-se encontrar feixes da vida, elementos esses, fundamentais para a concepção da memória como participante da formação do ser humano.

Ao mesmo tempo em que a memória faz emergir uma narração crítica e pormenorizada de fatos sociais, políticos, econômicos, militares, culturais ou religiosos, que fazem parte do passado de um povo, ela também o faz esquecer. A isto, Lovisoló (1989) chama de contraposições

da memória, que carrega em si o movimento de lembrar e esquecer; uma memória que pode ser desvalorizada e enfraquecida de maneira individual, que traz uma experiência dolorosa com o processo de emancipação que a memória possibilita, e que acaba desestruturando essa memória histórica em suas duas perspectivas: âncora e plataforma. A primeira, por permitir certa estabilidade diante das mudanças que ocorrem; e a segunda, por possibilitar uma base sólida para se lançar ao futuro.

Foi possível perceber essa ambivalência em cada fala transcrita dos quilombolas. O que Lovisolo (1989) ressalta como “contraposições da memória” aparece fortemente no momento em que cada pessoa entrevistada fala sobre como é ser quilombola e sobre a história de sua comunidade: a alegria de ser inserta em um povo tão rico de costumes, crenças, etc., e ao mesmo tempo não serem valorizados por morarem em quilombos, por não terem direito a uma terra em que moram há anos e que lhes foi passada de geração a geração.

O processo de memória também é construído por outro elemento carregado de dor e sofrimento: o silêncio. Pollak (1989) diz que o silêncio de homens e mulheres após terem sofrido perseguições e terem seus direitos retirados, se veste de uma necessidade de encontrarem novamente um modo de viver e de voltar a operar no mundo.

Quebrar esse silêncio dito por Pollak (1989), dar audiência a essas vozes, que trazem tantas memórias de sofrimento e perseguições, também de aspirações para o futuro e, ao mesmo tempo transcrevê-las, é de alguma maneira adentrar esse universo, onde em cada palavra transcrita vamos sendo mergulhados nas histórias de cada povo. E somos conduzidos pelo olhar de quem sofreu, de quem por anos se calou, de quem por muitas vezes luta em silêncio, contando apenas com sua fé e com os outros membros da comunidade que compartilham da mesma batalha.

Além disso, tais narrativas resgatam processos identitários que possuem intrínsecas significações que não se restringem às localidades às quais se referem. No caso das comunidades quilombolas, o ato de

transcrever possibilitou colocar em reflexão outras ideias e conceitos que vão sendo identificados à medida que se ouve cada narrativa de resgate da memória, como a luta por território entre fazendeiros e comunidades, ou o reconhecimento dessas terras como território quilombola.

## **Identidade**

Um dos elementos que o acesso às entrevistas possibilitou foi o de descobrir um pouco sobre a identidade de povos quilombolas, ou seja, sobre o que os caracterizam e o que eles consideram ser, como se posicionam em relação aos seus territórios quilombolas e o que diferencia esses territórios dos demais.

É necessário, para começarmos a entender e considerar a identidade de uma pessoa como um fenômeno social, compreendermos que esta pode ser vista como o próprio processo de identificação. Sendo assim, podemos partir de uma própria representação de si, a exemplo de uma criança que é representada apenas como “filho” antes de nascer, e, posteriormente, se liga ao indivíduo de maneira que ele passa a ser representado como “filho” de uma determinada família.

Ao ouvir as entrevistas, permitimo-nos a reflexão de que aquilo que identifica os quilombolas se deu por uma construção histórica vinda dos “escravos fugidos” (REIS; GOMES, 1996), que ao longo dos tempos foram se constituindo, atravessados por suas localidades e percalços históricos.

Para Ciampa (2012), a identidade é uma moeda que de um lado se dá pelas consequências de como as relações se estabelecem e, do outro, pelas condições destas. Isso gera certa complexidade porque ao mesmo tempo em que a identidade é vista como dada, ela também está se dando em um processo contínuo de identificação. Desse modo, respondemos com expectativas de como a pessoa deve ser ou agir, de acordo com esses pressupostos já dados, como se o produto final fosse uma reprodução do comportamento social.

Dentro dessa perspectiva, podemos dizer que a nossa identidade reproduz nessa sociedade, permeada por relações de dominação, condições para que ela se fortifique e se renove.

Apenas quando formos capazes de, partindo de um questionamento deste tipo, encontrar as razões históricas da nossa sociedade e do nosso grupo social que explicam porque agimos hoje de forma como o fazemos é que estaremos desenvolvendo a consciência de nós mesmos (LANE, 1981, p. 23-24).

Por isso é importante que se tenha uma atitude questionadora diante das relações tanto individuais quanto sociais, de maneira a objetivar a mudança na prática; também é importante que se desligue da ideia de que identidade é considerar especialmente a permanência e estabilidade. Identidade é movimento e transformação da realidade dialética.

## **Linguagem**

O processo de transcrever carrega em si a possibilidade de transpor para outro aparelho, através da escrita, memórias que contém a história de determinado povo ou comunidade, construída dentro de uma localidade e repassada culturalmente por seus membros ou por aqueles que, de alguma maneira, deixam-se atravessar por esses elementos. Dessa maneira, mesmo que não houvesse diretamente um contato com a pessoa entrevistada, o processo de transcrição fazia-nos tomar contato com outro instrumento real e presente: a linguagem.

É importante ressaltar que as gravações foram realizadas em áudio e vídeo, assim, no momento da transcrição, é possível não somente ouvir os entrevistados, mas vê-los. Dessa maneira, observou-se não só o ato de falar, mas outros códigos de comunicação, como gestos e expressões, comportamentos verbais e não verbais. A utilização dos recursos de áudio e vídeo não é o mesmo que estar diante dos entrevistados, percebendo mais elementos, mas poder visualizar a alguém de cuja fala é transcrita é ir além da reflexão sobre os conteúdos que essa fala emite.

Lane (1981), em seu livro *O que é Psicologia Social*, diz que é impraticável separar três elementos da linguagem: *agir – pensar – falar*, e que, quando isso acontece, “ocorre uma alienação da realidade; *agir sem pensar é ser autômato; falar sem pensar é ser como papagaio, falar sem agir [...]*” a autora argumenta que “de boas intenções o inferno está cheio” (LANE, 1981, p. 28-29, destaque da autora).

A ação de falar sobre determinado objeto, ideia ou prática, quando acoplada a esses três elementos, causa transformações em nível do pensamento e da ação; um movimento de juntar os fatos ocorridos com aquilo que pode ser feito de diferente, de novo. Mas se separados, a linguagem pode reforçar relações de dominação por aqueles que apreendem o poder da palavra.

Outra importante análise que a linguagem nos permite é poder tratá-la como mediadora entre nós e o mundo. É por meio dela que podemos falar, explicar, acreditar na realidade com a qual temos contato e fazer afirmações baseadas em fatos científicos ou senso-comum, permitindo conhecer um dado local ou grupo social. Com base nessas impressões e na forma que nos relacionamos com essas informações, é admissível construir representações do que é o mundo.

[...] a representação implica na ação, na experiência com um objeto ou situação e nos significados atribuídos a ela pelas pessoas com que nos relacionamos, ou seja, a representação é o sentido pessoal que atribuímos aos significados elaborados socialmente (LANE, 1981, p. 34).

Pensar nesses atributos que a fala nos permite pensar é olhar para uma construção de conhecimento focada na transformação. As entrevistas possibilitaram discussões entre professores, alunos de graduação e de mestrado, também permitiram olhar para esse povo de uma maneira diferente da que vem sendo reproduzida e até mesmo outras possibilidades de pesquisa voltadas para algumas das comunidades visitadas.<sup>4</sup> E ainda mais: oportunizaram a esses próprios moradores das

<sup>4</sup> Por exemplo a pesquisa de mestrado *Condições juvenis na comunidade remanescente de quilombo Morrinho em Poconé/MT*, que está sendo realizada por Zizele Ferreira dos Santos sob orientação da Prof<sup>a</sup> Candida Soares da Costa.

comunidades serem vistos e poderem falar de sua história, a fim de ressignificarem seus próprios elementos constitutivos.

## **Conclusão**

A proposta deste artigo é oferecer elementos que contribuam para o “pensar” sobre a importância de se estabelecer interfaces entre a extensão, o ensino e a pesquisa dentro das universidades e sua importância para a vida acadêmica.

As atividades extensionistas proporcionam aos acadêmicos uma visão mais crítica e transformadora da sua futura prática profissional por meio da inserção na comunidade, deixando que eles mesmos sejam sujeitos do discurso e atores da transformação, permitindo ao estudante mediar essas ações por meio de discussões mais abrangentes em suas possibilidades.

Talvez seja difícil perceber as conexões que estão insertas no processo de transcrição. Se fizermos uma pesquisa sobre o assunto, talvez mais da metade das pessoas abordadas responderão que não gostam de fazê-lo. Possivelmente, alguns dirão que é cansativo e entediante. E realmente é. Mas em algum momento, quando somos forçados a fazê-lo, prestando atenção nos detalhes e nos apropriando do processo, percebemos que é muito mais que transpor em palavras o que está sendo dito.

Resgatar e preservar memórias quilombolas é também resgatar e preservar a história de um povo que traz consigo lutas pela sobrevivência em uma época de grande discriminação com a população negra quilombola e sua cultura.

Por muito tempo, fez parte do cotidiano o movimento de esquecer o passado e silenciar-se diante dos estigmas, não somente para que os quilombolas ficassem na invisibilidade, mas para que seus opressores não encarassem seus feitos.

Conforme os entrevistados contavam suas histórias, íamos também, nos mergulhando em um mundo no qual eles se localizam. Era possível perceber que aquilo que os identifica foi construído dentro

de relações inseridas em uma realidade que, ao mesmo tempo em que está dada – pela sua história, cultura, costumes – também está se dando, num contínuo. Por esse olhar, entendemos que muitos comportamentos sociais podem ser – e alguns o são – reproduzidos ao longo do tempo. Porém, há oportunidade de refazer-se e reconstruir-se. Um processo de identificação que também pode ser encarado como uma metamorfose.

A fala dos entrevistados proporcionou o contato com o campo da linguagem. Uma linguagem que nos insere no mundo e nos admite passar através de gerações costumes, comportamentos, crenças de um determinado grupo social. Assim como a memória, a linguagem também pode nos colocar em relação de dominação a partir do momento em que não aderimos a fala ao pensar e ao agir. A participação em um projeto cuja configuração estabelece interface entre extensão, ensino e pesquisa propiciou ter como um dos produtos a elaboração do presente relato reflexivo.

### Referências

- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderley (Org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- LANE, Sílvia T. Maurer. *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, 39).
- LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 16-28, 1989.
- MACIEL, Lucas Ramalho. Política Nacional de Extensão: perspectivas para a universidade brasileira. *Revista Participação*, Brasília: UnB, p. 17-27, 2010.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 3-15, 1989.
- REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. Introdução: uma história da liberdade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.